

Maria Gabriela Llansol

UM BEIJO DADO  
MAIS TARDE

fotografias de  
Duarte Belo

posfácio  
João Barrento

ASSÍRIO & ALVIM

## ÍNDICE

CAPÍTULO I. A Morte de Assafora.....	21
CAPÍTULO II. Só e Maravilha .....	45
CAPÍTULO III. A Chave de Ler.....	61
CAPÍTULO IV. Um Companheiro Filosófico .....	81
CAPÍTULO V. O Globo de Contar.....	93
CAPÍTULO VI. As Cópias da Noite .....	113
Epílogo .....	131
<i>Posfácio: A Origem de Ler, João Barrento.....</i>	<i>135</i>

CAPÍTULO I  
A Morte de Assafora

**Prólogo**

\_\_\_\_\_ prendeu a cabra a um castanheiro que se via da janela mas estava longe; a cabra não deixava de se ouvir e, mesmo depois do pôr do sol, balia; disse que ia cortar-lhe o som, e dirigiu-se para ela com a mão direita e uma faca; o pêlo agitou-se sem balir, e ficou a sangrar; mais nenhum ruído atravessou o nosso sossego, mas uma segunda língua, com parte no céu-da-boca, principiou a nascer-lhe, e foi ela a voz.

O lugar da intersecção da língua arrancada com a outra língua transparente é herança da *rapariga que temia a impostura da língua*. Por isso, eu tenho de encontrá-la, e trazê-la para fora da sua nostalgia infinita. E não só. Da intersecção das duas línguas — a que se ouvia balindo, e a que nasceu do sangue — voou o Falcão, ou Aossê feito ave.

Falo ao cordeiro-objecto, cantando estas circunstâncias nascentes que sobrevieram. Na casa, não se administrava bem a Justiça da língua.

1 — Subo, sobe o primeiro lança de escada com um certo medo; toca à porta uma vez porque está lá dentro uma sombra doente sob o nome

*velho reflexo da posse dos bens materiais que ela muito desejou em vida;* sou a rapariga que temia a impostura da língua e, ao subir estas escadas para tocar as chamas da entrada em que arde, no presente, o passado, sinto-me Témia, temível e com temor.

Minha tia Assafora está com grillhões deitada na cama, e uma melodia cantada por Johann desce no quarto porque ela — comigo entra em toda a parte; ela tem um volume mínimo, à mercê dos ventos. Seus olhos vêem ainda menos do que dantes, e traço intimamente, sobre eles, o sinal da música; está acompanhada por três mulheres — servas, companheiras, ladras? Amigas reais? — a desocultação da língua não mo diz, sinto que passo por detrás de um outro de grande obscuridade,

e espero que me recebam. Quem me recebe primeiro, e me dirige palavras de fidelidade e de afecto — é a minha serva; não é uma velhinha — apesar da sua muita idade —, é uma força combativa; de pé, uma mulher ainda jovem, amarelo-pálida na pequena luz que o candeeiro projecta. Chamo-a S. Subtraio-me à impressão de afogamento que me provoca a entrada neste círculo de sofrimento da língua.

— Há assim mais círculos infernais?

E Johann, que me acompanha, responde-me com uma só nota:

— Há.

Os círculos do obscuro não são totalmente infernais, nem os ângulos do paraíso totalmente luminosos, num e noutra lugar há impostura; assim, os pés de Johann, também presentes no quarto, virão a ser confundidos com os pés do toucador, conforme a maior ou menor proximidade auditiva que eu tiver deles;

a terceira mulher é, sobretudo, uma voz, que nasce da extinção da voz de Johann; mente, e espolia a minha dona, Assafora, já sem vontade, deitada, quase pedra no reino dos céus; mas eu talvez esteja a julgar mal o que vejo, e esteja a ser enganada pelo sofrimento da língua que não consigo conter.

De qualquer modo, a presença da proximidade da morte é um carvão aceso, e eu crio-me sentada à beira da minha origem, situação que se repete em vários períodos do ano, quando eu venho aqui; há um mistério relativo ao meu nascimento que me fecha — esta abertura natural para o paraíso pertence-me? estes móveis e objectos de adorno, transfigurados, consumidas as suas carnes, prata, madeiras, ou cristal,

serão os meus bens luminosos? Que querem afirmar-me estas mulheres acompanhando estes objectos, cujas asas não batem. Adejam. Gotas de água açucarada pingam de um frasco suspenso no pulso de Assafora, onde eu sei que Aossê gostaria de estudar, para a sua Poesia, a claridade morta dos olhos; fico sentada numa poltrona, a fazer companhia a toda esta luz ressentida onde entro lentamente e, pela segunda vez, pela mesma porta.